



Director literario:

Alcides Nunes
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Edward Sells
PAPUSSE

PÁRA-QUEDAS IDEAL ou Inventos de Dom Presunto

Por LUIZ ALCIDES NUNES



José da Loja Presunto,
Natural do Entroncamento,
Concebeu em seu bestunto
Um maravilhoso invento.

A descoberta constava
De um pára-queadas de truz,
Que um guarda chuva formava
Resistindo ao ar... e à luz!...



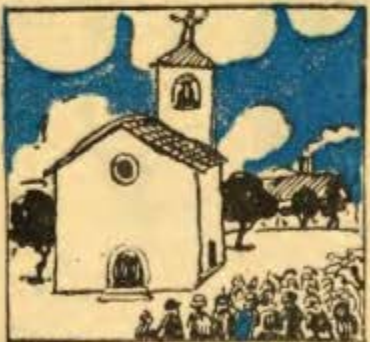
Não comia nem dormia,
Enquanto uma experiência,
Na torre da freguesia,
Se não pôs em evidência.

Pois que a tal aeromania
Era tanta no casmurro,
Que capaz era, dizia,
De voar até num burro!



Convidou aviadores,
Elemento oficial,
Sapateiros e doutores,
Muito povinho, afinal!...

O Zé Presunto emborcava
Vinho velho ou vinho novo;
E quando a prova encetava
Estava já como um ovo.



Ei-lo... lá vai torre acima!...
—(Para depois regressar,
Mais rijo do que uma lima,
Sem uma perna quebrar!)



Ao pára-queadas seguro,
Aguarda a voz de saída.
Salta ao ar o bom maduro,
Fica c'o a pinha partida!...

E' que ao tentar a descida,
Não contou que o ar travesso
Lhe voltasse — ó que partida! —
O invento do avêssio.



Isto prova, meus amores,
Que se é muita a emulação
Produz certos amargôres
E às vezes indigestão!...

Esperança

POR FERNANDO A. SIMOES

Desenhos de EDUARDO MALTA

(CONTINUADO DO NÚMERO ANTERIOR)



barco desfiava-se debaixo de nós e, pouco depois, a parte menos danificada submergia-se para sempre naquelas ondas traidoras.

Os poucos que ainda viviam, procuravam salvar-se nadando, mas uns eram logo engolidos pelas águas, outros, levados por elas, precipitavam-se de encontro aos rochedos, onde esmigalhavam a cabeça, desaparecendo logo, e outros ainda fôram arras-

tados para o fundo pelo redemoinho que o barco fez ao afundar-se.

Porque milagre da providência me salvei eu? Não o sei dizer.

Quando o barco se afundou, agarrei-me com a força do meu desespero a uma tábua.

Seria essa tábua que me salvou? Não sei.

Apenas lhe posso garantir que mal me agarrei à tábua, senti-me levado bruscamente em todas as direcções. Ora tão depressa ia para a esquerda, como voltava logo para a direita, tanto descia a uma profundidade enorme, como subia no cimo de uma onda, a uma altura incrível.

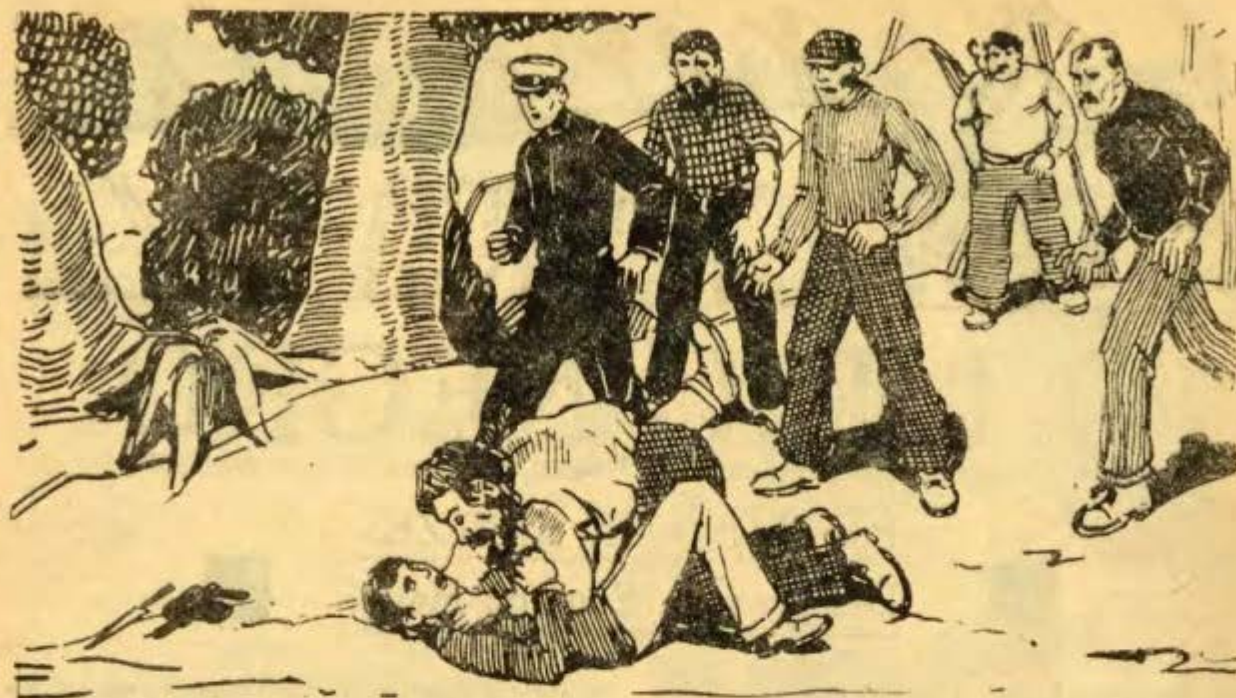
Durou isto bem uns dez minutos que me pareceram dez anos.

Mas, passado um bocão, esfreguei nervosamente os olhos, julgando ser vítima de uma ilusão: estava sentado num bocão de areia, salvo já, tendo escapado milagrosamente a todos os perigos em que os outros sucumbiram.

Observei o local onde me encontrava: era uma pequena praia, se esse nome se pôde dar a uma extensão de areia, que não tinha mais do que uns 15 metros de comprimento por uns 5 de largo.

Junto, estava um rochedo com uns três metros de altura, o qual tinha uma abertura; entrei: era uma espécie de caverna espaçosa, cujo chão era todo constituído por areia.





Deitei-me ao comprido, e durante umas dez ou doze horas, dormi como um justo.

Quando acordei, estava já a escurecer, mas tive ainda tempo para ver que estivera um dia lindo, e que o sol se vingara do ultrage que lhe haviam feito na véspera.

Mas... oh! céus! Eu tinha fome!

Nunca me assustei tanto ao pensar isto, como naquele dia.

Ancioso estendendo a vista pelos despojos do «Neptuno», que ainda cruzavam tristes e silenciosos aquelas águas fatais, avistei, oh felicidade!, uma caixa que devia conter latas de conserva.

Deitei-me imediatamente à água, agarrei-a, e trouxe-a para a praia. Arrombei-a conforme pude, e encontrei um monte de latas, que me deveriam sustentar durante uns oito dias.

No dia seguinte deitei-me à água para ver se encontrava alguma abertura nas rochas, por onde pudesse subir para a parte superior da ilha.

Nadei quasi uma hora, para a esquerda e para a direita e nada encontrei.

Convenci-me de que a ilha era toda formada de rochêdos e desisti de procurar mais.

Desde então, a minha vida limitou-se àquele bocado de praia e àquela caverna.

Dormia, comia, e estendia constantemente a vista pelo horizonte na esperança de avistar algum barco que dali me tirasse.

Para que narrar-lhes todas as peripécias por que passei? No terceiro dia, de manhã, principiou a chover furiosamente, e no céu, tudo se preparava para uma tempestade tão grande como a que vitimara o «Neptuno».

Deviam ser seis horas quando rebentou.

Recolhi-me à caverna, resolvido a não sair enquanto não abrandasse.

Mas, umas duas horas depois, senti como que o pressentimento de que ia passar-se alguma coisa extraordinária.

Apesar da chuva que caía, em torrentes, saí fora da caverna, e vi... oh! nunca me esquecerei, um barco, que devia ter o mesmo tamanho que tinha o nosso, levantado sobre as ondas, que ora o elevavam a uns dez metros de altura, para imediatamente o descerem, talvez, a outros dez, como se fôra uma modesta pena, sujeita aos caprichos do vento. Estava a uma distância enorme, mas, como nós, caminhava também para a ilha, com uma velocidade assusta-

dora. Não obstante continuar chovendo torrencialmente, não tornei a sair dali, e, anciado, seguia com a vista todos o movimentos do barco.

Era já noite, e, por mais que me esforçasse, não o conseguia avistar.

No entanto, não saí dali.

Talvez umas três horas depois, deveriam, portanto, ser dez ou onze horas, consegui avistar à distância de meia milha, uma sombra: era o barco.

Devia ser muito mais forte que o «Neptuno», e saíra incólume da tempestade, se não fosse o perigo que corria de, como nós, se esmigalhar de encontro à ilha.

Mas o céu favoreceu-os, pois o barco, em lugar de ir de encontro às rochas, veio, precisamente, torneando um pouco a ilha, bater na pequena extensão de areia onde me encontrava.

Estaria a uns quinze metros de distância, e ainda a sua sorte era muito duvidosa, quando vejo uns poucos de homens chegarem à amurada, segurando uns enormes barris, cujo conteúdo precipitaram no mar. Percebi logo o que era: azeite.

Imediatamente as águas serenaram à volta do barco, que veio, tranquilamente, encostar, como já disse, ao sitio onde me encontrava.

Rindo e chorando de satisfação, desatei a gritar, e os meus gritos, com certeza, espantaram a tripulação, porque daí a pouco avistei mais de vinte caras, que me espreitavam por cima da amurada.

Ficaram também satisfeitos com a minha presença, porque daí a pouco todas queriam descer ao mesmo tempo para virem ter comigo.

De repente senti-me agarrado, apertado, abraçado, rodeado de caras que riam, alegres, felizes, não obstante a chuva, que continuava caindo não ser moldura suficiente-mente própria para aquele quadro.

Quasi no mesmo instante, senti-me transportado pelo ar, e, dois minutos depois, estava sentado numa mesa, tão bem servida, que só olhar para ela fazia nascer o apetite.

Nessa altura vinguei-me à vontade das privações porque passara durante três dias.

Durante todo o dia seguinte, o veleiro que se chamava «Carmen», e era espanhol, esteve ainda ancorado na ilha, para fazer algumas reparações de que carecia.

(CONTINUA NO PROXIMO NUMERO)



O LÍRIO NEGRO

Por PEDRO DE MENEZES

Desenhos de Eduardo Malta



UM país que diziam existir para lá do que podem nossos olhos ver, e o nosso pensamento alcançar, numa linda manhã de outono, cercado de sêdas e de joias, num palácio maravilhoso, nasceu um príncipe que era branco como a espuma do mar e lindo como uma rosa encantada.

Sua mãe morreu logo que ele nasceu e o pai entregou-o aos carinhos duma irmã que, sendo casada com um cavaleiro

dos mais conhecidos naqueles países mais próximos, no mesmo dia e hora haviam também nascido duas adoráveis meninas tão brancas e tão lindas como outras não lóram vistas naquelas léguas mais próximas. A mãe dessas meninas vivia muito triste e pesarosa porque tendo tido duas gémeas, uma lhe desaparecera do berço sem nunca mais se saber qual o caminho que tinha levado. O príncipezinho ia assim substituir no carinho daquela mãe, a desaparecida.

Juntos, tio e sobrinha foram crescendo, brincando, passando as semanas e os meses, até que, já cada um deles contava quinze anos; numa tarde em que andavam pela mata do palácio apanhando florinhas, encontraram assustada, descansando sentada numa pedra e escondida por uma árvore mais frondosa, uma velhinha que, ao vê-los, caiu de joelhos, de mãos postas, suplicando:

— «Não me façam mal, meus meninos».

— «O que tens, boa velhinha?» — perguntou o príncipe.

— «Fugi do guarda que me encontrou a colocar uma armadilha para

apanhar um coelho, pois há três dias que não como e vim esconder-me aqui, porque se me agarrasse, prender-me-ia. Não me denunciem!»

— «Descansa. Nada te acontecerá!».

A infanta disse-lhe que se levantasse e, daí a momentos, ouviam-se os passos do guarda da mata que se aproximava. A velhinha escondeu-se.

— «Que procuravas guarda?» — perguntou o príncipe.

— «Uma velha que andava na mata armando aos coelhos».

— «E conseguiste prendê-la?»

— «Não, meu senhor».

— «Então vai em paz que ela deve estar a estas horas muito longe daqui».





O guarda cumprimentou e afastou-se. O príncipe procurando a velhinha, disse-lhe então:

— «Vai descansada. Toma e compra com que comer».

Deu-lhe uma moeda de ouro. A velha agradeceu muito e partiu. A infanta abraçou o príncipe.

— «Bem o mereces — disse-lhe — pela boa acção que praticaste».

E continuaram despreocupadamente a apanhar flores para o lindo ramo que tinham resolvido fazer. Junto dum riacho, encontraram um lindo lírio branco que mais parecia ser um pedacinho de luar que ali tivesse caído durante a noite. A mão pequenina da infanta ia apanhá-lo, quando, muito surpreendidos, o ouviram falar. Dizia assim:

— «Não me colhas, infanta, que eu te saberei agradecer».

Admirados, não tocaram no lírio.

E a infantazinha, curvando-se, deu-lhe um beijo, ao mesmo tempo que dizia:

— «Meu lindo lírio, fica sossegado que ninguém te fará mal».

Então o lírio respondeu:

— «Quanto te agradeço. Quando queiras saber se algum mal sucede a alguém que estimes e que esteja longe dos teus olhos, procura-me. Se me vires negro é porque algum mal está sucedendo a quem estimas, se continuar branco como hoje, podes estar sossegada».

— «Não me dirás, ao menos, quem és, que fazes aqui e há quanto tempo te encontras junto deste regato?»

— «Não te posso dizer quem sou, infanta, nem tampouco te posso contar o que faço neste logar onde me encontro há mais de quinze anos».

— «E não voltarás a falar, lírio?»

— «Não, nunca mais poderei falar».

A infanta e o príncipe afastaram-se e todos os dias por ali passavam. Sempre iam falando com o lírio, mas o lírio nunca mais lhes respondeu.

Alguns meses depois, o príncipe decidiu partir com um escudeiro em busca da torre branca na qual existia um velho feiticeiro que diziam fabricar um líquido misterioso que, onde quer que se lançasse, sarava uma ferida por mais grave que ela fosse. Só um príncipe poderia ir buscar esse lí-

quido. Muitos o tinham tentado e ou tinham desistido da empreza ou tinham desaparecido para nunca mais voltarem. Bem lhe tinha pedido a infanta para que não fosse, mas nada o demoveu: — nem os rogos da sobrinha que muito estimava, nem as palavras ora severas, ora carinhosas de seu velho pai. E, numa bela manhã, partiu cavalgando um cavalo ricamente ajaezado, com estribos, ferraduras e freio de ouro, seguido de perto do seu fiel escudeiro, que o ia acompanhar na perigosa jornada. As semanas foram passando e como não houvesse noticias, todos os dias a infanta ia visitar o enigmático lírio que continuava branco como na hora em que pela vez primeira o tinha encontrado. Sucedeu, porém, que num tristonho anoitecer de inverno, a infanta o foi encontrar negro, como se estivesse de luto. Ela, ao vê-lo, assim, soltou um prolongado grito e, correndo em direcção ao palácio, trémula e assombrada, disse ao rei:

— «Senhor, Senhor, ide em socorro do vosso filho que corre grave perigo!»

O velho rei, aflitíssimo, chamou os cavaleiros mais aguerridos do seu país e, em todas as direcções, os mandou partir em procura e defeza do seu querido filho. Passados tempos foram regressando e nenhum trouxe novas do desaparecido. Entretanto, a infanta não comia nem descansava, a toda a hora procurando voltar a ver o lírio completamente branco. Ele, porém, continuava de luto. Ao fim de algumas noites, como ela as costumava passar com a fronte encostada às vidraças, na ansia de conseguir ver o regresso do seu bem-amado, ouviu conversar o vento com as árvores. Contava êle:

— «Pobre príncipe. Tão corajoso e tão decidido e lá se encontra prisioneiro sem nunca mais poder regressar aos carinhos da sua noiva e da sua terra».

A infanta abriu rapidamente a janela e perguntou:

— «E onde, vento, onde está êle?»

O vento respondeu:

— «Muito longe, infanta. Para lá do palácio das ondas que fica nos rochedos onde o mar vai buscar a espuma com que enche de rendas as areias serenas das praias».

— «E como o poderei ir buscar?»

— «Sim, só tu o poderás conseguir libertar, levando



contigo uma pena duma ave bronzada que uma velhinha guarda numa choupana muito pobre».

E o vento sacudindo os ramos das árvores, partiu a galope. A infanta, logo que amanheceu, percorreu a chorar a mata do palácio, ansiosa por saber novas do seu príncipe. No sítio onde, meses antes, tinham visto a velha que andava a armar aos coelhos, encontrou a mesma mulher.

— «Não chores, infanta, que ao teu noivo nada sucederá. Eu te auxiliarei. Vem comigo».

E acompanhando-a, levou-a junto duma choupana muito pobre, dentro da qual abriu a porta duma gaiola que encerrava uma ave bronzada, arraucou-lhe uma pena e entregando-a à infanta, disse-lhe:

— «Aqui tens a pena de que o vento te falou. Vai. Eu te protegerei. Não me esqueço nunca que me salvastes outrora da má vontade do guarda que me perseguia. Adeus».

Já tinham passado largos dias. De serra em serra e de vale em vale, a infanta ia andando sempre. Para saber a direcção que deveria tomar, lançava a pena misteriosa ao vento e tomava o caminho que ela indicava no seu voo.

Quando a noite chegava, escondia-a nos cabelos longos e adormecia sonhando numa ventura que julgava vir próxima.

Logo que amanhecia, recomeçava a sua longa e penosa caminhada. Numa tarde chegou a um sítio onde encontrou uma fonte. E a água da fonte caindo num tranqüilo tanque, murmurava:

— «Pobre príncipe que está prisioneiro e que ninguém vai salvar».

— «Sabes tu, fonte, onde é que ele se encontra?» — perguntou a infanta.

— «Sei — respondeu a fonte. — Levou-o uma onda e está prisioneiro nos rochedos onde nasce a espuma do mar. Atira a tua pena às águas da praia e espera!»

Ela assim fez e a pena transformou-se num barquinho que a levou pelo mar fora.

Quando veio a noite encontrou-se a infanta em frente dum rochedo, sobre o qual se divisava um palácio de már-

more, cuja escadaria descia até às águas, desaparecendo dentro delas. O barco acercou-se e, ao bater num dos degraus desfêz-se, transformando-se de novo em pena que a infanta guardou, subindo depois a escadaria. Quando chegou ao cimo, um reposteiro de espuma que brilhava como uma chuva de joias, abriu-se e a infanta entrou. O salão que a rodeava era dum esplendor extraordinário e eram tantas as pedras preciosas que ofendiam os olhos de quem as fitava. De repente apareceu um guerreiro com uma armadura feita de coral que perguntou à infanta:

— «Procuras o príncipe teu tio?»
Como ela respondesse afirmativamente, o guerreiro acrescentou:

— «Olha para aquele espelho!»

A infanta obedeceu. No espelho via desenhada a pessoa que há tanto tempo andava procurando, mas em frente do espelho não estava ninguém.

Dir-se-ia que, tendo ele passado perto e tendo-se visto ao espelho, ficara nêle gravada a sua imagem. Olhou melhor. O príncipe parecia estender-lhe os braços, parecia que lhe desejava falar, que tentava aproximar-se dela. O guerreiro disse então:

— «Para lhe falares e para que o possas abraçar necessário é quebrar esta chapa de vidro do espelho que estás vendo, chapa que é mais rija do que o aço da mais forte lâmpara».

A princesa não hesitou. Atirou com a pena bronzada de encontro ao espelho e, imediatamente, a chapa se fez em pedaços. O guerreiro deu um grito e desapareceu. Em sua frente surgiu o príncipe que abraçou a infanta com todo o carinho.

— «E o teu escudeiro, príncipe?»

— «Caiu no mar e desapareceu. E tão leal, tão valente e tão decidido que ele era!»

Dirigiram-se para a porta e quando iam a passar em frente dum outro espelho semelhante ao primeiro, viram nêle desenhada a mata do palácio e o lírio, o famoso lírio, branco já, ao mesmo tempo que alguns cavaleiros conduziam o rei gravemente ferido. Ouviam falar em voz alta:

— «Só o líquido do bruxo da torre branca conseguirá salvar o rei!» — diziam.



Hora de Recreio

UM TANK

Meus amiguinhos

Conforme vos prometi, ensino hoje a maneira de fazer um "tank" que fará relevantes serviços nas vossas guerras de soldados.

Materials:

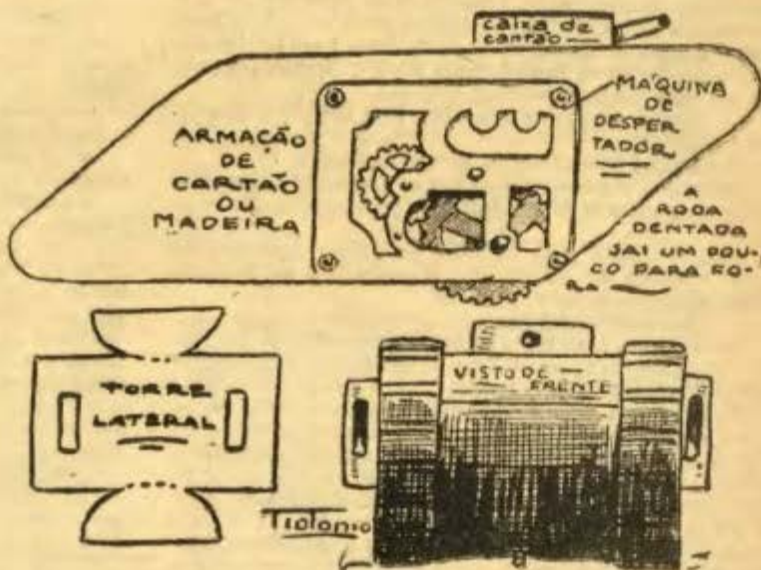
— Uma máquina de despertador, que pode custar o máximo 2\$50.

— Uma armação de cartão e madeira que se coloca sobre a máquina, tal como indica a gravura.

A roda dentada é que dá o impulso e obriga a subir pelos planos mais inclinados.

Dá-se a corda, põe-se em direcção do inimigo e... é deixá-lo ir...

Estou à vossa disposição para qualquer conselho, pedido ou indicação.



TIOTONIO

Rua do Século, 43



Meus meninos:—Vejam se descobrem aqui o papá dêste menino.

Colaboração Infantil



Desenho do menino José Rodrigues Cercas Junior (de Aljezur) com 13 anos de idade.

(CONTINUADO DA PÁGINA 6)

— «Preciso a'ê encontrar o misterioso homem da torre enfeitada», — dizia o príncipe.

E, após uma pausa, para a infanta:

— «Queres acompanhar-me?»

— «Até ao fim do mundo»...

— «Então vem comigo».

Novamente a penna bronzada se transformou em barco e conduziu o príncipe e a infanta, sobre as águas, durante largo tempo.

Algumas semanas depois, a penna misteriosa conduzia-os, finalmente, à torre branca. Era alta, muito alta, uma gigantesca torre, de esguias ogivas, de portas chapeadas de ferro, com um fôssho em volta onde patos enfeitados nadavam.

Eram vermelhos os patos, os bicos longos e afilados, pareciam, ao abrirem-se, tesouras ensanguentadas, as asas lembravam golpes de fogo e soltavam gritos ensurdecedores. Como a água estava toda cheia de lodo, aqui e além saltavam rãs enormes, negras como a noite, em saltos prodigiosos, num coaxar fantástico, infernal.

— «Como havemos de atravessar este fôssho?» — perguntou o príncipe.

— «A penna se encarregará de nos conduzir».

Assim foi. A penna transformou-se em ponte e eles acercaram-se da porta da enigmática torre que de muito longe se via.

Com a mesma penna bateram no portão chapeado de ferro. Abriu-se de par em par. Ouviram uma voz mas não viram ninguém. A voz perguntou:

— «Que vindes aqui fazer?»

— «Falar ao dono desta torre», — responderam.

Uma gargalhada se ouviu e o portão, pelo qual tinham entrado fechou-se com estrondo.

Subiram uns degraus dourados, afastaram vários reposteiros onde se desenhavam animais desconhecidos e entraram num gabinete onde um homem velho se encontrava inclinado sobre retortas e numa mesa próxima, como se estivesse embalsamado, um corvo de enormes dimensões que, ao vê-los entrar, crocitou e ficou de novo imóvel. O feiticeiro, porque era ele, fitou-os com um riso diabólico, mostrando uns dentes amarelos e aguçados e estendendo as mãos, onde as unhas se alongavam como agulhas, disse:

— «Sentai-vos».

— «Não queremos nem podemos demorar. Dai-nos um frasco do vosso líquido misterioso e em seguida partiremos». O feiticeiro tirou dum armário um frasco e colocou-o sobre a mesa onde o corvo estava poitado.

— «Aqui o tendes. Levei-o de modo que o meu corvo não veja».

E riu, riu muito.

O príncipe atirou com a penna misteriosa ao corvo que tombou inerte e segurando o frasco, disse:

— «Eganaste-te. Vencemos».

O feiticeiro deu um grito e caiu transformado em labareda, enquanto a porta da torre se abria e a infanta e o príncipe partiam satisfeitos em busca do seu país, onde o rei se encontrava gravemente ferido.

Depois de terem lançado sobre a ferida do rei, algumas gotas do precioso líquido que a fez sarar imediatamente, o príncipe perguntou-lhe:

— «O que vos ocasionou esta ferida, meu pai?»

— «Andava a passear no parque e querendo ver quem andava roubando os pãmos de ouro da árvore amarela, um dos ladrões atirou-me uma seta que me feriu. Salvaste-me, meu filho!»

Passadas horas o príncipe e a infanta, contentes e felizes, foram visitar o lírio misterioso. Estava branco como a neve. Junto dele, uma rola poitada num pequeno valado, arrulhando, dizia:

— «Só tu, infanta, só tu podes desencantar o lindo lírio».

— «Como, rolinha, como?»

— «A velhinha da cabana que te auxiliou t'ó poderá dizer».

A infanta procurou a mulher e contou-lhe o que se tinha passado.

— «E' certo — respondeu ela — aquele lírio é a tua irmãzinha que desapareceu do berço quando era pequenina, dando tantos desgostos a tua mãe. Foi uma antiga criada que era bruxa e que era má, que a embruxou e que desapareceu um dia, porque tendo-me feito mal, a transformei naquela ave bronzada que vês naquela gaiola cujas penas são verdadeiros talismans, como viste na que te dei para a tua viagem. Agora vou feri-la para que me dê uma gota de sangue que te entregarei neste frasco e lançarás depois sobre o lírio».

A infanta fez o que a velha lhe indicou.

O lírio transformado de novo numa linda menina, abraçou a irmã. Mais tarde o príncipe casou com a infanta e a desencantada serviu-lhes de madrinha.

